

# O ESTATUTO SINTÁTICO CAMALEÔNICO DE CERTAS CONSTRUÇÕES INFINITIVAS: UMA ABORDAGEM PANCRÔNICA

Edair GORSKI (UFSC)\*

Maryualê Malvessi MITTMANN (PG-UFSC)\*\*

Priscilla NEVES (PIBIC-UFSC)\*\*\*

## 1. Introdução<sup>1</sup>

No presente trabalho pretende-se, a partir de uma abordagem pancrônica e numa perspectiva funcionalista, discutir o estatuto sintático de certas construções reduzidas de infinitivo, considerando-se um possível processo de mudança em curso. São analisados dados de fala de informantes de Florianópolis (Projeto VARSUL) e dados de escrita a partir do século XVI.

Mais especificamente, nosso objeto de estudo são construções que possuem a seguinte configuração: (i) oração principal com verbo *ser*<sup>2</sup> conjugado na terceira pessoa do singular (P3) seguido de um elemento nominal (adjetivo ou substantivo); (ii) verbo da oração subordinada no *infinitivo* (INF), com ou sem presença de sujeito, complementos ou adjuntos; (iii) união entre as orações expressa através de conector (preposição) ou não formalmente expressa ( $\emptyset$ )<sup>3</sup>. O esqueleto da sentença será então:

[SER<sub>P3</sub>] + [N<sub>SUB/ADJ</sub>] + (PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF](COMP/ADV)

Também foram consideradas possíveis alterações na ordenação dos constituintes. Exemplos:

(1) *É difícil eu ir na igreja.* (FLPJ3L927)<sup>4</sup>

(2) *Mas isto é fácil de verificar, senhora [...].* (França Jr 1985: 125)(3) *É porque a barriga é das brabas. Difícil de sair.* (Falabella 1992: 10)

- (4) *Dinheiro pra entrar é difícil*, é preciso suar, trabalhar, agora, *pra sair é fácil*. (FLPJ4L810)

## 2. Enquadramento Teórico

Na perspectiva funcionalista adotada, a gramática é concebida, em princípio, como não autônoma, mas motivada e explicada pela situação comunicativa, considerando-se a estrutura como maleável e dependente da função. Nessa ótica, a gramática pode ser considerada um sistema adaptativo, parcialmente motivado por pressões externas (discursivas) e parcialmente decorrente de pressões internas ao sistema já consolidado (gramaticais) – em permanente relação de motivações em competição. (cf. Givón 1995)

Nessa dinâmica da língua tem lugar a *gramaticalização*, entendida como um processo de mudança pelo qual itens lexicais e/ou construções passam a assumir no curso do tempo (à força de repetição e de expansão de uso para outros contextos) um novo estatuto gramatical, tendendo a se tornar mais regulares, previsíveis e automatizados (cf. Campbell & Janda 2001; Bybee 2000; Hopper & Traugott 1993). O percurso de gramaticalização é postulado como unidirecional e o resultado sincrônico de etapas sucessivas de gramaticalização corresponde a “camadas” (*layering*), ou seja, novas camadas que emergem continuamente coexistem e interagem com as mais antigas, que não são excluídas (cf. Hopper 1991).

Quanto às orações combinadas, Hopper & Traugott (1993) apresentam três tipos de combinação: *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação*, distribuídos num *continuum* que supostamente reflete o percurso da mudança lingüística, via gramaticalização, por que passam essas construções. A parataxe caracteriza-se pela independência e por apresentar integração mínima; a hipotaxe, pela interdependência, tendo a margem<sup>5</sup> não inserida em nenhum constituinte do núcleo; e a subordinação caracteriza-se pela dependência, por ter a margem inteiramente incluída num constituinte do núcleo, e por apresentar integração máxima e elos

minimamente explícitos<sup>6</sup>. Cada um desses três pontos escalares, por sua vez, também recobre um *continuum* de integração. A hipótese subjacente é que quanto mais integrada for uma construção, mais gramaticalizada ela será. O pressuposto de que a mudança se dá num *continuum*, aliado à noção de “camadas” acima mencionada, prevê eventual superposição de funções e, conseqüentemente, a ocorrência de construções de interpretação ambígua. É o que acontece com alguns de nossos dados, como veremos adiante.

Para distribuir as orações combinadas numa escala de integração, têm sido utilizados parâmetros semântico-sintáticos, os quais controlam, por exemplo, o constituinte da matriz ao qual a oração se vincula e o nível de vinculação sintática estabelecido; a ordem da oração marginal face à matriz; o grau de expansão/redução, indicado pela morfologia verbal e pelo comportamento do sujeito – apagado ou convertido em oblíquo; o grau de entrelaçamento, avaliado pelo compartilhamento de elementos, explicitude do conector e quantidade de material intermediário (cf. Lehmann 1988). Segundo estes parâmetros, uma sentença complexa será tanto mais integrada quanto mais a oração marginal apresentar, entre outros: (i) vinculação sintática a constituinte da oração matriz; (ii) variabilidade posicional restrita; (iii) morfologia verbal nominal (forma reduzida); (iv) sujeito não expresso; e (v) ausência de conector. (cf. Gorski & Neves 2003)

### 3. Metodologia

Foram coletadas todas as ocorrências que obedecessem à estrutura [SER<sub>p3</sub>] + [N<sub>SUB/ADJ</sub>] + (PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF](COMP/ADV), incluindo diferentes ordenações desses constituintes. Não foram consideradas construções com o verbo *ser* que tivessem o sentido de “criar hábito”, “ter uma certa frequência”, e/ou que apresentassem nitidamente um sujeito (pro)nominal não topicalizado. Exemplos:

- (5) Porque ele não era de discutir, ele não era. (FLP3L523)
- (6) Eram duas rodas, era só pra brincar, pra dirigir. (FLP2L1017)

O *corpus* para a análise sincrônica (fala) foi composto por 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL realizadas na cidade de Florianópolis. Os informantes distribuem-se por células segundo a faixa etária (15 a 24; 25 a 49; e acima de 50 anos), a escolaridade (primário, ginásio e colegial) e o sexo.

Para a análise diacrônica (escrita), o *corpus* formado compreende 16 textos escritos entre os séculos XVI e XX<sup>7</sup>. Procurou-se escolher textos que apresentassem, na medida do possível, uma linguagem próxima ao coloquial, seja pelo tipo de texto (peças teatrais nas quais estão representados tipos populares) ou mesmo pelo estilo do autor (como, por exemplo, Lima Barreto, ou o romance do escritor americano John Steinbeck em sua tradução adaptada à variedade regional do Rio Grande do Sul).<sup>8</sup>

Os dados coletados em ambas as amostras foram codificados de acordo com uma série de variáveis lingüísticas e sociais. Neste artigo serão discutidos três grupos de fatores: (i) elemento nominal posposto ao verbo finito [N]: adjetivo, substantivo, outra expressão nominal<sup>9</sup>; (ii) forma de conexão entre as orações: ausência de conector, preposição *de*, preposição *para*; (iii) configuração da sentença (ordenação dos constituintes): ordem canônica<sup>10</sup>, oração combinada deslocada para a esquerda, complemento/adjunto de infinitivo deslocado para a esquerda, elemento nominal [N] deslocado para a esquerda. Esses fatores são exemplificados na seção seguinte.

A análise dos dados foi norteadas pelas seguintes questões: (i) que elementos estão envolvidos na definição do estatuto sintático das construções?; (ii) qual a relação entre possíveis graus de integração e estatuto sintático das construções?; e (iii) há correlação entre graus de integração e estágios de gramaticalização?

#### 4. Resultados e Discussão

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito à produtividade da construção em estudo no *corpus* analisado. Ao todo foram levantadas 70 ocorrências nos dados de fala<sup>11</sup> (em aproximadamente 36 horas de entrevistas) e 166 ocorrências nos dados escritos<sup>12</sup>, num total de 236 ocorrências nas amostras escolhidas, o que revela uma baixa frequência no uso desse tipo de construção, possível de ser explicada, em parte, pelo tipo de material analisado

em face ao fenômeno estudado. As sentenças analisadas apresentam uma avaliação do falante sobre determinado fato, como será melhor explicado adiante, sendo esse tipo de contexto não muito freqüente nas entrevistas do Banco de Dados VARSUL, o que também explica a maior recorrência desse tipo de sentenças nos romances da amostra diacrônica.

A seguir apresentamos os resultados para cada grupo de fatores controlados, ou seja, tipo de elemento nominal posposto a  $SER_{p3}$ ; tipo de conector; e configuração da sentença.

#### 4.1 Natureza do elemento nominal [N]

Os dados que apresentam substantivo como elemento nominal correspondem geralmente a expressões do tipo *é hora*, *é tempo*, em todas as amostras; os adjetivos mais utilizados na fala são os itens *fácil/difícil* (seguidos, em ordem de preferência, de *bom*, *legal*, e outros menos recorrentes), e na escrita, *melhor/pior* (seguidos de *bom/ruim*, *fácil/difícil*, e outros), atribuindo um caráter avaliativo ao enunciado. Exemplos:

- (7) Não é *tempo* ca d`orar [1518]<sup>13</sup>. (Vicente 1965: 263)
  - (8) Dez e meia, vinte, quinze pras onze é *hora* de começar o outro serviço que a pessoa tem que pegar. (FLP07L484)
  - (9) Agora, enfrentar uma loja de comércio com trinta mil artigos através de código, não era *fácil* (FLP04L781)
  - (10) É *melhortu* ir lá pra dentro. (Falabella 1992: 10)
- Vejam-se os resultados quantitativos a seguir.

| Elemento nominal     | Séc. XX | Séc. XX[1]      | Séc. XVIII e XIX[2] | Séc. XVI |
|----------------------|---------|-----------------|---------------------|----------|
|                      | VARSL   | Peças/ romances |                     |          |
| Adjetivo             | 64 91%  | 101 76%         | 10 48%              | 3 25%    |
| Substantivo          | 6 9%    | 13 10%          | 4 19%               | 9 75%    |
| Outra expressão nom. | 0 0%    | 19 14%          | 7 33%               | 0 0%     |
| <b>TOTAL</b>         | 70 100% | 133 100%        | 21 100%             | 12 100%  |

**Tabela 1. Distribuição dos tipos de elemento nominal [N] em amostras síncrona e diacrônica**

Na tabela 1 observamos que o adjetivo é o elemento preferencial no século XX, tanto na fala quanto na escrita, ao passo que o substantivo era mais utilizado no português arcaico. Tais resultados devem, entretanto, ser analisados com cautela, já que à medida que se regride no tempo os dados levantados se mostram mais raros. Também é importante frisar que o fator “Outra expressão nominal”, representando exclusivamente o item *preciso*, só apareceu em dados de escrita nas amostras controladas.

Como veremos adiante, essa foi uma variável importante na análise dos graus de integração, especialmente em sua relação com o tipo de conector.

## 4.2 Tipos de conector

A seguir apresentamos os resultados quantitativos para o tipo de conexão entre as orações combinadas.

| Tipo de conector | Séc. XX | Séc. XX        | Séc. XVIII e XIX | Séc. XVI |
|------------------|---------|----------------|------------------|----------|
|                  | VARSQL  | Peças/romances |                  |          |
| Ausência         | 39 56%  | 120 90%        | 15 71%           | 6 50%    |
| DE               | 23 33%  | 11 8%          | 5 24%            | 5 42%    |
| PARA/PRÁ         | 8 11%   | 2 2%           | 1 5%             | 1 8%     |
| TOTAL            | 70 100% | 133 100%       | 21 100%          | 12 100%  |

**Tabela 2. Distribuição dos tipos de conector em amostras sincrônica e diacrônica**

É interessante notar que o uso da preposição (especialmente *de*) já ocorre desde o século XVI. Como mostra a tabela 2, o conector parece ter perdido espaço, na escrita, ao longo dos anos. Na comparação entre a fala e a escrita do século XX, fica evidente o contraste entre as duas modalidades: 56% de ausência de preposição na fala contra 90% na escrita; 33% de ocorrência da preposição *de* na fala em oposição a 8% na escrita; 11% de *para* na fala versus 2% na escrita.

Dois outros aspectos também merecem destaque: o aumento do uso da preposição *para*<sup>16</sup> nos dados de fala; e o resultado numérico aproximado entre a fala do século XX e a escrita do século XVI<sup>17</sup>,

(considerando-se a distribuição quase equilibrada entre ausência versus presença de preposição). Esse último resultado, entretanto, não chega a ser surpreendente. O uso de preposição aparece nos textos escritos arcaicos, quando o esforço normativo ainda não se fazia tão presente. Said Ali (1964) e Epiphanyo Dias (1970) descrevem com certo grau de espanto o aparecimento da preposição em tais textos, a qual segundo os autores não desempenhava nenhuma função na sentença:

Um dos factos mais notáveis relativos á syntaxe do infinitivo, nas lingoas romanicas, é a construção de preposições com o infinitivo. [...] Em port. as preposições constroem-se não só com o simples infinitivo, senão até com or. infinitivas (v. g.: *por tu saberes*). A construção de preposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que, em português, e em outras lingoas romanicas (v. M. Lübke, §340), chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funções de sujeito, facto de que não se deu ainda explicação satisfatória. Do emprego de preposições com o infinitivo no baixo latim cita Diez (*Gr., Synt., IV, 8, 2*) textos que ascendem ás primeiras décadas do sec. VIII. (Dias 1970: 217-219).

Está ainda há espera de esclarecimento satisfatório o curioso fato, comum a outros idiomas modernos (ainda que em casos diversos do português), de antepor preposição a infinitivos dependentes de certos verbos, sendo entretanto tal o sentido destes termos regentes que parece dispensável a partícula. Em português usa-se antes do referido infinitivo ora a, ora de, podendo a syntaxe variar de uma época para outra, o que ainda mais complica a análise. (Ali 1964: 339).

Uma possível explicação para o aparecimento do infinitivo regido de preposição é formulada em termos de “cruzamento sintático”. Essa syntaxe neo-latina teria nascido do cruzamento de dois tipos latinos, sendo um deles o gerúndio, que podia ser regido de preposição (por ex.: das construções *aggredior dicere* e *aggredior ad dicendum*, por cruzamento

sintático, teria dado uma terceira construção: *aggredior ad dicere*). Da mesma forma, de *cogitabat resistere* e *de resistendo cogitabat*, poderia resultar *cogitabat de resistere* (Bourciez, *apud* Pereira 1923: 319). Quanto ao “sujeito regido de preposição” (*a, de*), Pereira observa sua existência quando expresso pelo infinitivo, por analogia com o objeto. Segundo o autor, tal sintaxe era, à época, considerada arcaica, sendo reproduzida por alguns notáveis escritores, como A. Castilho e Garret, tidos como “acerrimos imitadores do falar antigo”. Exemplo:

- (11) Sua alteza estava doente, ... e foi mais *facil de persuadir*... muito mais *facil de conceder* (A.V., Cart., 46, 203) (Pereira 1923: 323; grifo nosso)

Igualmente importante é a observação de Mattos e Silva (1994:108-9) de que no período arcaico as orações subjetivas ocorrem mais freqüentemente com verbos do tipo *semelhar, parecer, acaecer, comprir, prazer, convir* (desenvolvidas com *que*). Por outro lado, o uso da preposição mostra-se facultativo com orações completivas com verbo no infinitivo ou em desenvolvidas introduzidas por *que* ou *como* (*he Ø falou he de descer; cuidado em como se deve reger son certos Ø que a*). Já em estruturas em que o complemento é SN e não oração, a preposição costuma ocorrer (*esperança em Deus, certo de seus feitos*)<sup>18</sup>.

Recentemente podemos conferir em gramáticas normativas modernas como Celso Cunha (1977) e Rocha Lima (1972) que as únicas orações reduzidas introduzidas por preposição são as completivas relativas e nominais. Apesar disso, entre as reduzidas de infinitivo, também as construções substantivas “subjetivas” aparecem precedidas de preposição em textos escritos e orais modernos. De acordo com os resultados apresentados na tabela 2, podemos considerar que, embora possa ter havido uma real diminuição no uso da preposição na linha do tempo até o século XX, ocasionada provavelmente por motivos normativos (considerando-se a escrita), esta não deve ter sido banida da fala. Consideramos aqui que o papel desta preposição está



gramaticalmente relacionado à configuração sintática da construção, especialmente a graus de integração da sentença, como exploraremos mais adiante.

O uso de determinado conector e o grau de integração entre as orações também está relacionado ao elemento nominal [N] que o precede. Epiphanyo Dias, em sua gramática histórica de 1918, já estabelece uma relação entre certos adjetivos e a preposição *de*, provavelmente devido ao uso corriqueiro dessas construções:

Emprega-se qualificativamente o infinitivo precedido de prepos. *de*  
[...] Aos adjectivos *fácil, difficil, bem, mau, duro, aspero, raro* e outros de significação semelhante, e a *longo, gostoso* liga-se o simples infinitivo precedido da prepos. *de* em sentido limitativo (v. § 169) e aparentemente, passivo (Dias 1970: 228) (grifos do autor).

Além disso, Epiphanyo Dias e Said Ali nos apontam exemplos do português antigo que chamam a atenção:

- (12) (...) *nõ era cousa convinhavil de tu morreres agora* [1898] (Barlaão, *apud* Dias 1970: 219).
- (13) *Nom era bem de o assi cercarem* [1638] (D. João I, *apud* Ali 1964: 341).
- (14) (...) *leve lhe foy isto de creer* [1557] (Ribeiro, *apud* Dias, 1970: 228).
- (15) *Seria bom de hirem a Mançor* [séc. XV] (Zurara, *apud* Ali 1964: 341).

Diante dessas considerações, é importante observar o cruzamento dos resultados obtidos nas tabelas 1 e 2, para verificar a relação entre o uso ou não do conector com determinados tipos de elemento nominal. Na tabela abaixo, não foram incluídas as ocorrências de *ser preciso*, dado seu comportamento categórico, já discutido.

|                  | Amostra  | VARSL       | Amostra  | ESCRITA     |
|------------------|----------|-------------|----------|-------------|
| Tipo de N        | Adjetivo | Substantivo | Adjetivo | Substantivo |
| Tipo de conector |          |             |          |             |
| Ausência         | 36 56%   | 3 50%       | 101 89%  | 14 54%      |
| DE               | 20 31%   | 3 50%       | 13 11%   | 8 31%       |
| PARA             | 8 13%    | 0 0%        | 0 0%     | 4 15%       |

Tabela 3. Correlação entre tipo de conector e tipo de [N] nas amostras sincrônica e diacrônica

A distribuição percentual de adjetivos e substantivos é aproximada entre ambas as amostras: 91% e 9% para os dados do VARSUL (64 e 6 ocorrências, respectivamente) e 81% e 19% para os dados de escrita (114 e 26 ocorrências, respectivamente). A diferença está na distribuição interna a cada classe nominal: considerando a correlação com o tipo de conector, os adjetivos do *corpus* oral apresentam um comportamento similar aos substantivos do *corpus* escrito; já os adjetivos presentes na amostra escrita apresentam um perfil particular, estando concentrados nas construções sem preposição e rejeitando a preposição *para*.

Na amostra diacrônica, os 13 adjetivos que regem *de* são: *fácil/difícil* (6 dados), *capaz* (4 ocorrências que categoricamente requerem preposição) – note-se que se desconsiderarmos esses dados devido a sua categoricidade, o número de contextos [N<sub>ADJ</sub>]<sub>+</sub> *de* cai para 9 na escrita (8%), distanciando-se ainda mais da fala (31%) –, *bom/ruim* (2 dados) e *caro* (1 dado). Na amostra de fala, os 20 adjetivos acompanhados de *de* são: *fácil/difícil* (13 dados), *bom/ruim* (3 dados), *gostoso*, *legal*, *complicado* (2 dados). Tanto na escrita (antiga e moderna) como na fala, o contexto mais propício ao *de* é o do adjetivo *fácil/difícil*, com 28% de chances de aparecer preposicionado na escrita (6 em 21 das ocorrências desse adjetivo) e 35% na fala (13 em 37 das ocorrências desse item). Como se pode ver, a distribuição dos itens lexicais apresentada por Dias, acima, continua atual.

Se olharmos a tabela a partir do tipo de conector, percebemos que a frequência relativa da ausência de preposição entre as duas amostras é praticamente equivalente, numa proporção aproximada de 10 para 1 (36/3 e 101/14). A diferença fica mais evidente com a preposição *de*: a proporção de seu aparecimento junto a adjetivo e a substantivo é de aproximadamente 7 para 1 na fala (20/3) e de 1.5 para 1 na escrita (13/8). Por fim, as duas amostras apresentam-se em distribuição complementar quanto ao uso de *para*, categoricamente junto a adjetivos nos dados orais e categoricamente antecedida de substantivo na escrita.

Face a esses resultados, podemos hipotetizar que: (i) a preposição *de* vem expandindo seu uso diante de infinitivo preferencialmente nos contextos  $[N_{ADJ}] + de[INF]$ ; (ii) a preposição *para* também vem tendo seu uso intensificado diante de infinitivo, porém migrando do contexto  $[N_{SUB}] + para[INF]$  para o contexto  $[N_{ADJ}] + para[INF]$ .

Na análise dos dados gerais, observamos que há certas restrições quanto ao tipo de conexão estabelecida. Determinadas construções aceitam as três possibilidades (*pra*, *de* e ausência de conector); outras aceitam duas (*de* e *para*/ ausência e *para*); e outras, apenas uma (*de* ou ausência). Observem-se os exemplos:

- (16) *Porque você estudou, com um diploma na mão é mais fácil Ø (de/pra) você se ajeitar, pegar um serviço aqui ou lá. (FLP02L1310)*
- (17) *Assi he meu pae, senhor,/ que tem dores d' almoirans,/ Que he cousa d' apiadar. [1518] (Vicente 1965: 430)*
- (18) *Cousa he pera prezar,/ Que quem tal amigo tem/ Não se deve de temer. [1518] (Vicente 1965: 434)*

- (19) Em clube assim, *não é um ambiente muito bom pra (de) namorar.* (FLPJ1L891)  
 (20) Pra (Ø) *chegar até o Rita Maria a pé seria fácil.* (FLPJ2L1073)  
 (21) *É bem capaz de estar apaixonada.* (Cunha 1938: 11)  
 (22) *É tempo de se arranjar um lugar pra acampar* (Steinbeck 1940: 208).  
 (23) *É preciso Ø matar!* (S. Sampaio 1949: 160).

Em (16) há três alternativas de conexão; em (17), (18) e (19) *de* alterna com *para*; em (20) *de* parece ficar excluído; em (21) e (22) a única possibilidade de construção é com a preposição *de* e em (23), sem preposição.<sup>19</sup> É visível que essas restrições decorrem, em grande parte, da natureza do elemento nominal [N] e, em certa parcela, da ordenação dos constituintes. Em (17), (18) e (19), por exemplo, é a presença dos substantivos *cousa* e *ambiente* que parece barrar a ausência de preposição<sup>20</sup>. Em (20), a anteposição da oração infinitiva é responsável pelo impedimento da preposição *de*, cujo uso resultaria numa construção no mínimo estranha (? *De chegar até o Rita Maria a pé seria fácil*). Já em (21) e (22) é o adjetivo *capaz* e o substantivo *tempo* que estão a exigir a preposição *de* (resultando nas expressões já cristalizadas *ser capaz de* e *ser tempo de*), ao passo que em (23) a palavra *preciso* rejeita qualquer preposição.

Quanto à preposição *para*, vale salientar que foram encontradas 04 ocorrências na amostra escrita (2,4% dos dados escritos), todas regidas por um [N<sub>SUB</sub>] (cf. exemplo (18)); e 08 ocorrências na amostra oral (11% dos dados de fala), todas regidas por um [N<sub>ADJ</sub>] (cf. exemplos (19) e (20)). Apesar do número reduzido de dados, parece plausível supor que contextos como (19), em que [N<sub>ADJ</sub>] acompanha um substantivo<sup>21</sup>, tenham propiciado a emergência de *para* junto a adjetivos, provocando um deslocamento na relação de regência dessa preposição ao longo do tempo – hipótese a ser investigada.

### 4.3 Configuração da sentença

A ordenação dos constituintes foi controlada levando-se em conta a ordem canônica de apresentação dos elementos nas construções e diferentes tipos de deslocamentos de constituintes das posições originais para a esquerda do verbo finito, os quais podem ser identificados como movimentos de topicalização (cf. Givón 1995). Abaixo apresentamos exemplos para o arranjo de cada fator.

a) Ordem canônica

[SER<sub>P3</sub>]+[N<sub>SUB/ADV</sub>]+(PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF](COMP/ADV)

(24) *É difícil ele comprar uma cerveja.* (FLP)2L523)

b) Oração combinada deslocada

[INF](COMP/ADV)+[SER<sub>P3</sub>]+[N]

(25) *Envelhecer é uma merda.* (Falabella 1992: 33)

c) Complemento/adjunto do infinitivo deslocado

[COMP/ADV]+[SER<sub>P3</sub>]+[N]+(PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF]

(26) *Amigas é muito difícil arranjar hoje em dia, né?* (FLP)19L123)

(27) *Aqui é um lugarzinho bom de se morar.* (FLP)15L820)

d) Elemento nominal deslocado

[N]+[SER<sub>P3</sub>]+(SUJ<sub>INF</sub>)[INF](COMP/ADV)

(28) *O diabo é ficaro maroto do Júlio muito ufano com eu ter cedido.*  
(Penna 1844: 294)

(29) *Pior é morar aí em cima.* (Falabella 1992: 14)

A tabela 4 apresenta a distribuição geral das ocorrências de acordo com o tipo de configuração.

| Configuração da sentença      | Séc. XX        | Séc. XX         | séc. XIX e XVIII | Séc. XVI       |
|-------------------------------|----------------|-----------------|------------------|----------------|
|                               | FALA           | ESCRITA         |                  |                |
| Ordem canônica                | 36 51%         | 117 88%         | 14 70%           | 6 49%          |
| Oração combinada deslocada    | 7 10 %         | 4 3%            | 0 0%             | 2 17%          |
| Comp. de infinitivo deslocado | 25 36 %        | 4 3%            | 3 10%            | 2 17%          |
| Elemento nominal deslocado    | 2 3 %          | 8 6%            | 4 20%            | 2 17%          |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>70 100%</b> | <b>133 100%</b> | <b>21 100%</b>   | <b>12 100%</b> |

***Tabela 4. Distribuição do tipo de configuração da sentença nas amostras sincrônica e diacrônica***

Como podemos notar, há um aumento gradativo da ordem canônica, na escrita, a partir do século XVI. Tal configuração está diretamente relacionada à crescente ausência da preposição, conforme já se pôde constatar na tabela 2. Por outro lado, há um contraste significativo entre as amostras oral e escrita do século XX e uma aproximação entre a fala atual e a escrita arcaica, especialmente no que tange a ordem canônica.

Quanto aos deslocamentos, é de particular interesse a topicalização de complemento/ adjunto adverbial de infinitivo, com apenas 5% de ocorrências na amostra total escrita<sup>22</sup> e 36% na fala atual – casos em que um constituinte da oração subordinada é promovido à posição de sujeito da principal, podendo provocar ambigüidade na análise do estatuto sintático da oração infinitiva, que passa a ter um comportamento muito semelhante ao de um complemento nominal. Numa análise funcional fica bastante evidente que as construções de topicalização consistem em estratégias discursivas para atribuir ênfase ao elemento topicalizado. Todavia, é preciso considerar pressões estruturais que envolvem, por exemplo, a tendência atual de preenchimento do sujeito no português brasileiro<sup>23</sup>, e que podem estar atuando nesse movimento de reorganização do enunciado para que a posição pré-verbal seja preenchida também nesse tipo específico de contexto. (cf. Mittmann 2003)

É também digna de nota a taxa maior de ocorrências de elemento nominal (predicativo) deslocado na escrita, especialmente em textos mais antigos, o qual passa a funcionar como sujeito do verbo principal, provocando uma alteração no estatuto sintático da oração infinitiva, que, nesse caso, parece assumir o papel de predicativo (cf. Gorski 2000a).

Na tabela 5 podemos conferir a relação entre a ordenação dos constituintes e o tipo de preposição (apenas dados de fala, nos quais a preposição é mais recorrente).

| Tipo de conexão/              | Ausência       | DE             | PARA          |
|-------------------------------|----------------|----------------|---------------|
| Configuração da sentença      |                |                |               |
| Ordem canônica                | 25 64%         | 9 39%          | 2 25%         |
| Oração combinada deslocada    | 3 8%           | 0 0%           | 4 50%         |
| Comp. de infinitivo deslocado | 11 28%         | 12 52%         | 2 25%         |
| Elemento nominal deslocado    | 0 0%           | 2 9%           | 0 0%          |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>39 100%</b> | <b>23 100%</b> | <b>8 100%</b> |

**Tabela 5. Correlação entre tipo de configuração da sentença e tipo de conexão na amostra oral**

A ausência de conector aparece predominantemente associada à ordem canônica (64%), seguida de complemento de [INF] deslocado (28%), ao passo que a preposição *de* inverte as configurações, com 52% para esta ordem e 39% para aquela. Por outro lado, a preposição *para* tem mais chance de ocorrer nas anteposições da oração infinitiva (50%). Essa distribuição tem reflexos na reorganização do enunciado, afetando o estatuto sintático de seus constituintes. (cf. Gorski 1999)

Retomemos o exemplo (30) e vejamos as seguintes possibilidades de ordenação:

- (30) a. *Pra chegar até o Rita Maria a pé seria fácil.* (FLPJ2L1073)  
 a'. *Seria fácil pra chegar até o Rita Maria a pé.*  
 a''. *Seria fácil de chegar até o Rita Maria a pé.*  
 a'''. *? De chegar até o Rita Maria a pé seria fácil.*

A preposição *de* é prototípica para complementos nominais. Possivelmente devido a isso, esteja impedida de se deslocar, rompendo assim a integração entre o adjetivo [N] e seu eventual complemento. Já a preposição *para*, típica de indicação de finalidade em constituintes com valor adverbial, portanto potencialmente deslocáveis, favorece o rompimento da ordem canônica. (cf. Neves 2003) Observe-se ainda:

- (31) E *o peixe* inclusive, aqui no Estreito, *é difícil de se encontrar*. (FLP11L1100)
- (32) [...] mas depois *as peças seriam mais difícil de arranjar* e mais caras. (Steinbeck 1940: 103)

Em ambos os exemplos se percebe mais nitidamente o efeito sintático do deslocamento de um constituinte: um sintagma nominal (*o peixe/ as peças*) é promovido da posição de objeto de [INF] para a posição de sujeito do verbo matriz (veja-se a marca de concordância verbal em (32)). Nesses casos, evidencia-se a forte integração da preposição *de* ao elemento nominal que a antecede, caracterizando-se um caso aparentemente inequívoco de complemento nominal. Todavia, a análise se complica nos exemplos abaixo em que a preposição está ausente: se o constituinte anteposto (*uma loja/ fórmula um*, originalmente complementos do verbo infinitivo) for analisado como sujeito do verbo *ser*, qual seria o estatuto gramatical do infinitivo? Talvez seja possível considerar que, nesses casos, o sintagma nominal topicalizado ainda não tenha se fixado como sujeito. Acreditamos que ocorrências como essas sejam indícios de um processo de mudança envolvendo o tipo de construções ora analisadas.

- (33) Agora, *enfrentar* uma loja de comércio com trinta mil artigos através do código, não *era fácil*(...) *Uma loja não era fácil*Ø *enfrentar*. (FLP4L781)
- (34) *Fórmula um* hoje *é difícil*Ø *ver*, né?. (FLPJ2L300)

## 5. Considerações Finais

Retomamos aqui nossas questões iniciais buscando respondê-las.

As construções [SER<sub>P3</sub>] + [N<sub>SUB/ADJ</sub>] + (PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF](COMP/ADV) não apresentam um estatuto sintático claramente definido; antes comportam-se como construções camaleônicas, sendo identificadas ora



como orações subjetivas, ora como predicativas, ora como completivas nominais, apresentando casos de interpretação ambígua de seu estatuto sintático. Esse caráter multifacetado resulta da co-ocorrência das três variáveis controladas (natureza do [N], tipo de conexão estabelecida e ordenação dos constituintes) e é um indício de que essas construções encontram-se num processo de mudança. Tal mudança parece envolver fundamentalmente a preposição, desenvolvendo-se em duas direções: à em relação a *de* – fixação da estrutura [N]+*de*[INF] e conseqüente mobilidade de algum constituinte nominal deslocado para a posição de sujeito do verbo principal; nesse caso a oração reduzida tende a se configurar como um complemento nominal. Seu uso está mais bem estabelecido no tempo e atribui um caráter de maior integração às orações combinadas. Assim, ao contrário do que prevê um dos parâmetros de Lehmann (1988) para graus de integração, a preposição *de* é um conector sem dúvida responsável pelo maior entrelaçamento das orações. A construção do tipo descrito seria mais gramaticalizada; à em relação a *para* – emergência de uso adjacente a [N<sub>ADJ</sub>], facilitando a mobilidade dos elementos sob seu escopo, dada a sua natureza. Sua presença resulta numa construção (possivelmente subjetiva) menos integrada e menos gramaticalizada.

### Referências bibliográficas

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964. (3ª ed. melhorada e aumentada de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, 1921).

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: BRIAN,

J; RICHARD, J. (eds.) *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2000. pp.1-27.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 2001. p. 93-112.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1977.

DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1970. (Data da primeira edição: 1918).

DUARTE, M. E. L. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, J.; ABRAÇADO, J. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 123-131.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GORSKI, E. M. Níveis de integração de cláusulas *para* + INFINITIVO. *XVII Seminário do GEL*. Bauru, SP, 1999. p.88-102.

\_\_\_\_\_. Variação no uso do infinitivo pessoal.. *Organon* v. 14, nº 28/29. Porto Alegre: UFRGS, 2000a. p. 95-113.

\_\_\_\_\_. Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes. *Letras de Hoje* v. 35, nº 3. Porto Alegre: PUC-RS, 2000b. p. 19-33.

GORSKI, E. M.; NEVES, P. O estatuto sintático de INF em orações reduzidas: 'É legal (de) estudar esse assunto'. *II ECLAE*, Paraíba, UFPB, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In.: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

MATTOSE SILVA, R.V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994. (Repensando a língua portuguesa)

MITTMANN, M. M. *De Gil Vicente a Miguel Falabella: uma análise diacrônica de construções subjetivas*. Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq/UFSC, 2003.

NEVES, P. *Uma análise sincrônica de construções subjetivas com o verbo ser na fala de Florianópolis*. Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq/UFSC, 2003

PEREIRA, E. C. *Grammatica Historica*. 4ª ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

#### Referências das obras do *corpus* diacrônico

AZEVEDO, A. A casa de Orates. In: *Teatro de Arthur Azevedo VI*. Estabelecimento de texto por Antônio Martins. Rio Janeiro: FUNARTE, 1995. (peça teatral de 1882).

BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/quaresma.html>>. Acesso em novembro de 2003. (Obra escrita em 1915).

CAPORALINI, D. *A vingança da cigana*. Lisboa: Ofissina de Simão. (peça teatral de 1749).

CUNHA, H. *A vida tem três andares*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, 1951.

FALABELLA, M. *No coração do Brasil*, 1992. (cópia do texto original cedida pela Profª Vera Paredes da Silva, da UFRJ).

FRANÇA JR, J. *Como se fazia um deputado, Caiu o ministério!, As doutoras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. (peça teatral de 1887).

\_\_\_\_\_. *Maldita Parentela*. Rio de Janeiro: Ediouro. (peça teatral, 1º ed. 1871).

PENNA, M. *O namorador ou A noite de S. João*. (peça teatral de 1844)

SAMPAIO, S. *A garçonnière de meu marido*. Rio de Janeiro: Compositora gráfica LUX, 1949.

STEINBECK, J. *As vinhas da ira*. Tradução de Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

TOJEIRO, G. *Onde canta o sabiá*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1973. (Texto da década de 1920).

VICENTE, G. *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão, 1965.

## Notas

<sup>1</sup> Este trabalho é parte do projeto de pesquisa “*Não está fácil (pra/de) a gente viver aqui*”: gramaticalização e variação de construções subjetivas, vinculado ao Projeto Interinstitucional VARSUL e desenvolvido com o apoio do CNPq.

<sup>2</sup> Privilegiamos aqui o verbo *ser* por ter sido o item verbal mais recorrente no tipo de construção analisada. Outros verbos que apareceram foram *estar*, *ficar* e *ter*.

<sup>3</sup> Esse tipo de construção é tradicionalmente classificado como oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

<sup>4</sup> Nos dados de fala, o código entre parênteses indica a cidade, o número da entrevista e a linha onde foi encontrada a ocorrência, de acordo com as normas do Banco de Dados VARSUL.

<sup>5</sup> Os termos “margem” e “núcleo” ou “matriz” correspondem, grosso modo, a oração subordinada e principal, respectivamente, na nomenclatura tradicional.

<sup>6</sup> De modo geral, a hipotaxe recobre as orações adverbiais, enquanto que a subordinação abriga as relativas e substantivas. Warner (1982) e Koster (1978) (*apud* Hopper & Traugott 1993) apontam que, no inglês, as orações subjetivas não apresentam encaixamento pleno, sendo essas construções ainda hipotáticas.

<sup>7</sup> Parte desses textos foi gentilmente cedida pela prof<sup>a</sup> Vera Paredes, da UFRJ.

<sup>8</sup> Os textos selecionados são os seguintes: Século XVI: *Auto da Fama* (1510), *Auto da Barca do Inferno* (1517), *Auto da Barca do Purgatório* (1518), *Auto da Índia* (1519), e *Auto da Lusitânia* (1532), todas de Gil Vicente; b) Século XVII: *Obras completas* (Sátiras), de Gregório de Matos; c) Século XVIII: *A vingança da cigana*, de Domingos Caporalini (1749); c) Século XIX: *O namorador ou a noite de S. João*, de Martins Pena (1844); *Maldita parentela*, de França Júnior (1871); *A casa de Orates*, de Artur Azevedo (1882); *As doutoras*, de França Júnior (1887); d) Século XX: *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro (1922); *A vida tem três andares*, de Humberto Cunha (1938); *A garçonnière de meu marido*, de Silveira Sampaio (1949); *No coração do Brasil*, de Miguel Falabella (1992); e os romances: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1915) e *As vinhas da ira*, de John Steinbeck (1940).

<sup>9</sup> Nesse fator encontram-se as ocorrências do tipo “É preciso...”, que foram consideradas separadamente por apresentarem um comportamento particular.

<sup>10</sup> Estamos considerando ordem canônica a configuração básica, em conformidade com os exemplos apresentados nas gramáticas normativas: [SER<sub>P3</sub>] + [N<sub>SUB/ADJ</sub>] + (PREP)(SUJ<sub>INF</sub>)[INF] (COMP/ADV).

<sup>11</sup> Alguns desses resultados já foram discutidos em Neves (2003) e em Gorski & Neves (2003).

<sup>12</sup> Os dados diacrônicos foram levantados e amplamente discutidos por Mittmann (2003).

<sup>13</sup> Os colchetes indicam o ano em que foi escrita ou publicada a obra citada nos parênteses.

<sup>14</sup> A maioria dos dados escritos do século XX foi extraída de dois romances (cf. nota 7).

<sup>15</sup> A obra examinada correspondente ao século XVII (*Obras completas*, de Gregório de Matos) não forneceu nenhum dado, possivelmente por se tratar de poesia lírica e não dramática. Como no século XVIII foram encontradas apenas duas ocorrências da construção em análise, estas foram reunidas às do século XIX.

<sup>16</sup> A preposição *para* aparece de forma significativa também na construção “dar pra INF”, introduzindo uma oração cujo estatuto sintático subjetivo apresenta-se nebuloso, a exemplo das construções aqui analisadas (cf. Gorski 2000b).

<sup>17</sup> Ressalve-se, porém, o número reduzido de dados do século XVI.

<sup>18</sup> Observe-se que nenhuma menção é feita à preposição *para* por esses autores.

<sup>19</sup> Observe-se que, num estudo variacionista nos moldes labovianos, teríamos dificuldade para proceder ao recorte da regra variável, já que a exigência de substituição das variantes num mesmo contexto e com o mesmo significado não seria atendida em todos os casos aqui analisados.

<sup>20</sup> Nesse caso a preposição parece estar mais ligada ao verbo que vem depois dela, funcionando “de + V” como uma espécie de locução, potencialmente substituível por um adjetivo, como “prezável” em 18.

<sup>21</sup> Dos 08 dados de preposição *para* na amostra oral, apenas o exemplo (19) apresenta um substantivo e um adjetivo na posição de N; todos os demais trazem unicamente um adjetivo.

<sup>22</sup> Apesar de haver ocorrências que apresentem essa configuração desde o século XVI, é preciso cautela ao analisar esses dados, tendo em vista que na obra daquele período (escrita em versos) fatores como o ritmo, a métrica e a rima são fundamentais para a ordenação dos elementos de cada sentença (cf. Mittmann 2003).

<sup>23</sup> Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Duarte (2003).